

VERSOS LIVRES, QUASE UM CONTO NO CAMINHO DA TESE

Adriana Claudia Martins Figuera
teacheradrianacm@hotmail.com

Está escuro, todos dormem nesta estância... É primeiro de outubro ou, já são dois. Em um programa de final de semana, meu esposo, as meninas e eu vamos para São Gabriel a convite de meu sogro. Trouxe comigo alguns livros e o projeto de tese impresso, na tentativa de que, depois das duas pequenas dormirem, fazer uma leitura cuidadosa... Sabe?! Ver algo que não vi antes.

Fiz isso. E agora estou assim, sem conseguir dormir. Preciso confessar que algo não vai bem no projeto, há muito o que organizar nele, há tantas coisas no meu pensamento...

Como quem planeja um lindo vestido para uma cliente especial, abro o tecido verde, leio meus livros, os artigos, as anotações, os diários e planejo neste espaço, minha costura, uma peça singular com um toque de arte. Percebo que nem todo dia sou capaz de ter coragem para pegar a tesoura e cortar sobre o risco que o giz desenhou com liberdade...

São minhas limitações, meu tempo de espera, a incerteza que, de sentinela, não me deixa costurar... Meus objetivos são claros, pelo menos para mim, mas meu problema nem sempre aparenta que vai problematizar.

Dobro o mesmo tecido e vivo com os livros metidos comigo na tese. Fecho o pensamento e tento dormir enquanto o corpo reclama o dia longo e a cliente me vem à mente. Com a luz do quarto apagada, apenas a luminária do banheiro pela fresta me guia e não me deixa incomodar quem dorme comigo. Lembro a pilha de folhas que deixei ao lado da cama... É uma tentação agarrá-las, pegar um lápis e grafar...

Sorriso e sorriso já com tudo em mãos, de braços e no quase escuro eu procuro controlar a memória que luta com o pensamento, no vestido, na tese. Ouço o marido:

- Não vai sossegar?

- Não consigo! Não me afasto de mim e escrevo ainda mais forte enquanto tento enxergar... Mal vejo o lápis no papel ao grafar a memória em conversa com a história, confio na experiência da escrita e fico curiosa para ver como ficarão essas frases à luz do dia, daqui algumas poucas horas.

Garanto espaço entre as linhas, arregalo o pensamento no papel e o conhecimento adquirido se espalha ao desdobrar e arrumar o tecido verde da cliente exigente que aguarda meu telefonema, dizendo: - Pode vir, já tenho a primeira prova!

E, sonhando acordada...Pego a tesoura e olho o tecido esticado sobre o chão. Sim, é tanta fazenda que não se acomodaria sobre a mesa da sala deste lugar. Será suficiente?Acredito que sim, porém ainda não cheguei ao molde final. Pego a Moda Moldes e estudo... O molde! Suspiro em alívio. Agora farei o corte. Alinho as pontas do tecido, estico bem o pano e, de joelhos, acomodo a tesoura ao lado do que pode ser realizado.

Então, faço um corte preciso com a tesoura afiada. Faço e não me arrependo dos livros que escolhi, da linha que define a tese e que encaminha o alinhavo. Paro no ensaio da costura, planejo a escolha da cor da linha, do número da agulha da máquina de costura. Primeiro, vou juntando partes com toda a atenção. Com cuidado, seguro o vestido que se molda. No colo eu o deixo descansar enquanto se transforma.

Meu corpo reclama a posição que escolhi para escrever quietinha na penumbra do quarto.

Reconheço que a dificuldade inicial no planejamento do corte do vestido define a peça, que se faz distinta, desigual. Não bocejo... Não há sono que o tempo do relógio com toda sua crueldade possa me fazer abrir a boca e me avisar da hora, da cliente que liga:

- Lucila, dá para eu ir provar? A senhora na linha, ainda avisa:

- Não vai esquecer de finalizar no dia, heim!

Viro mais uma página deste papel que é vida. Decidida, digo:

- Sim, pode vir...

Então, preparo-me para vê-la vestida com as minhas noites e dias. Vislumbro a trajetória, o planejar, o ler, o moldar, o corte e o tecer da roupa, da tese e desta folha de papel que mal vejo e que se faz arte no criar de mais um amanhecer!